

MEMÓRIAS DE UM GEÓGRAFO: MANUEL CORREIA DE ANDRADE – O CANTO DO NORDESTE

Prof^a. Dr. Dalcy da Silva Cruz

Departamento de Ciências Sociais – UFRN

Resumo

Nos anos 20 do séc. XX, o Brasil experimentava um movimento político, social e econômico de grandes repercussões, conseqüência das profundas transformações materializadas em diversos movimentos. Nesse contexto de grande efervescência, nasce em Pernambuco, em 1922, no Engenho Jundiá no Município de Vicência, Manuel Correia de Andrade, o Geógrafo que cantou o Nordeste até morrer. Sua vida desde cedo foi estudar, ensinar, pesquisar para conhecer mais e melhor a região que tanto amou; “o menino de ontem, de família de proprietários rurais, com liderança, não apenas, na sua classe, mas, na política estadual, cedo apresentou pendores para o estudo. Desde a escola de Vicência, município recém-emancipado, e depois, no Liceu Pernambucano e nas Faculdades de Direito e Filosofia do Recife”. Ele estudou as relações de trabalho no meio rural. Em uma de suas obras mais conhecidas – A Terra e o Homem no Nordeste, de 1963, o geógrafo pernambucano, faz uma larga análise dessa realidade do ponto de vista da sua vivência, reconhecida por outro grande pensador sobre o Brasil, Caio Prado Júnior, diz no Prefácio à 1.ed. do livro o imediatismo do estudo, o estudo de Manuel Correia, seria mais um trabalho sobre a região. O autor apresenta o que há de fundamental para a vida de qualquer coletividade: “como se relacionam os homens entre si em suas atividades produtivas e, como se comportam, uns relativamente aos outros e ao conjunto da coletividade no exercício de suas funções econômicas”. Na vasta produção, que circula não só em documentos acadêmicos, trata de questões regionais, mais precisamente nordestinas. Neste momento o GT Sociedade: cultura, memória e educação, presta sua homenagem a quem tão bem soube ler, entender e cantar o Nordeste. Sua voz calou-se em 25 de junho de 2007, deixando uma grande lacuna, não só no campo da Geografia, mas no do conhecimento humanístico sobre o Brasil e a Região Nordeste.

Palavras-chave: Manuel Correia; Nordeste; Trabalho rural; Memória.

Hoje, o Pensamento Social no Brasil vem dando realce ao estudo da Memória. Essa é uma das formas que a História já vem utilizando desde Heródoto. Há um desejo de sintetizar quando se pensa sobre o passado. No entanto, para muitos intelectuais, a Memória é uma forma descritiva e conservadora de se debruçar sobre fatos passados. Mas, também, pode se tornar, do ponto de vista teórico e dinâmico, outra conotação e assumir um sentido político fundamental na medida em que apresenta uma dimensão política ao narrar certos

acontecimentos que merecem ser registrados. Há, no entanto, alguns cuidados que precisam ser observados ao se fazer opção por narrar feitos de sujeitos que tiveram um papel ativo em determinado momento da história. “A escolha por uma abordagem biográfica despida de cautelas metodológicas e teóricas adotadas por historiadores, frequentemente pressupõe uma mitificação da personagem” (CHERMAUSKY, 2003:21).

No caso aqui narrado escolheu-se a abordagem biográfica por se tratar de um intelectual nordestino, respeitado pelo trabalho que desenvolveu, tanto como pesquisador, como no campo do ensino. É verdade que, apesar dos cuidados que devem cercar a biografia, corre-se o risco de mitificar o sujeito estudado como bem coloca Chermasky: “A mitificação do sujeito histórico seria a primeira etapa desse processo de endeusamento de um ente querido e admirado por um grande número de pessoas (Id, Ibidem:21-22).

Sabendo-se dos riscos que se corre ao narrar os feitos de um sujeito histórico, assumo com cautela descrever um pouco da vida desse geógrafo que legou ao mundo intelectual do Brasil e, especificamente, do Nordeste, informações relevantes para o conhecimento das questões nordestinas. Isto posto, começo a relatar a vida e um pouco da obra de Manuel Correia de Andrade, geógrafo e professor.

Manuel Correia de Andrade, pernambucano da Zona da Mata Norte, nasceu em 1922 do século XX. Nesse período, o Brasil vivia um momento ímpar no que se refere a profundas transformações de ordem econômica, política e, sobretudo, cultural. Como seus pares do começo do século se destacou como um pensador de conhecimento transdisciplinar. Sua herança intelectual caracterizou-se por uma visão da sociedade, como os grandes ensaístas do seu tempo.

Apesar de sua formação no ramo da geografia soube muito bem articular esse conhecimento específico com os aspectos sociais e econômicos da Região Nordeste, onde nasceu e viveu. Filho de proprietário de engenho, portanto, aristocracia rural, cedo descobriu que não era bem o caminho que gostaria de trilhar. Com sua ida para o Recife onde estudou desde o Colegial, seguiu posição diversa da família tradicional de proprietário rural.

Foi em meio a essa efervescência de ordem geral que nasceu em Pernambuco o menino que se tornaria o cidadão e o geógrafo que cantou o Nordeste como um grande intelectual como um outro nordestino e também pernambucano, Luis Gonzaga que cantou o nordeste em versos como uma de suas músicas, o retirante que narra o problema da região; a seca e como seus habitantes saem para São Paulo em busca de trabalho para mais tarde voltar com saudade da terra natal.

Mas as palavras de Antonio Correia de Andrade,

O menino de ontem, de família de proprietários rurais, com liderança, não apenas na sua classe, mas, na política estadual, cedo apresentou pendores para o estudo. Desde as primeiras letras, em escola de Vicência, município recém-emancipado e, depois, no Liceu Pernambucano e nas Faculdades de Direito e Filosofia do Recife (ANDRADE, 1995:78).

Nos anos 20 o Brasil começava a emergir como uma nação com marcas evidentes de um processo de desenvolvimento capitalista. Nele grandes e profundas transformações de ordem política, econômica e, sobretudo, cultural, anunciavam novos tempos. Estes estavam relacionados com a expansão econômica e social, com o surgimento de várias instituições no campo político como a Coluna Prestes, o Tenentismo, a Revolução Constitucionalista, o aparecimento do Partido Comunista Brasileiro – PCB, a Aliança Nacional Libertadora, além de um evento, no âmbito da Cultura que marcaria a cena brasileira em suas várias dimensões: a Semana de Arte Moderna, de 22.

Toda essa efervescência teve um grande desfecho nos anos 30 do século XX, com a chamada Revolução de 30 e a emergência do ensaísmo sócio-histórico que eclode agora, não mais como os escritos das décadas anteriores apoiados em teorias de deterministas e baseadas na teoria da superioridade racial. Os estudos sobre o Brasil passaram a conter análises mais profundas como é o caso de Casa Grande & Senzala, de Gilberto Freyre; Evolução Política do Brasil, de Caio Prado Júnior; Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda. Esses acontecimentos motivaram o desejo de conhecer melhor a realidade brasileira por parte dos estudiosos, caracterizando-se como formas inovadoras de redescobrir o Brasil. Para alguns cientistas, esse interesse já vinha povoando as discussões da chamada “geração de 1870”, no Século XX.

Nesse contexto, nascia em 1922 no Engenho Jundiá, no município de Vicência, Zona da Mata Norte em Pernambuco, Manuel Correia de Andrade que com seu desaparecimento em 26 de junho de 2007, deixou uma grande lacuna na produção do conhecimento, não só na área da Geografia, mas das ciências humanas.

Estudou as primeiras letras em Vicência vindo depois para o Recife estudar no Liceu Pernambucano. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Recife, conhecida e referenciada como a faculdade que fez escola com “Tobias Barreto, Silvio Romero, Artur Orlando e Clóvis Beviláqua” que emergiram “com destaque em vários setores da vida intelectual...” (CHACON, 1977:13). Manuel Correia estudou ai de 1941 a 1945. Teve como contemporâneos César Paiva Leite, Cláudio Santa Cruz Costa, Virgínius Gama e Melo, Odilon Ribeiro Coutinho, Ivan Bechara Sobreira e outros intelectuais.

Além do curso de direito, estudou na Faculdade de Filosofia a qual originou a Universidade Católica de Pernambuco, onde cursou História e Geografia, primeira turma. Seus vastos conhecimentos como geógrafo e historiador rendeu um vasto cabedal de conhecimento da região que se tornou quase único no Nordeste. Passou 85 anos pesquisando, estudando e ensinado onde começou em colégios de nível médio. Dessa experiência escreveu vários livros com a parceria de Hilton Sete.

Com uma vasta produção voltada para o conhecimento da região, sempre esteve articulando o local com o global - nacional e internacional, colocando o Brasil no circuito mundial enquanto país de Terceiro Mundo, mas com uma produção intelectual relevante. Sua obra, entre tantas, mais conhecida e uma das primeiras, mais comentada foi “A Terra e o Homem no Nordeste”, publicada em 1963 pela Brasiliense, até hoje é conhecida e estudada, por isso mesmo considerada um clássico. Nela o autor faz uma análise da realidade nordestina, do ponto de vista da sua vivência. O conhecimento sobre relações de trabalho, formas de produção e relações entre proprietários e trabalhadores estão presentes na obra.

Esse livro, pela realidade que trata atraiu a admiração e o reconhecimento de um outro grande pensador brasileiro, Caio Prado Júnior que prefaciou o livro dizendo que se não fora o ineditismo do estudo, o livro de Manuel Correia, seria mais um trabalho sobre a região, mas, trata-se de um estudo onde o autor apresenta o que há de fundamental para a vida de qualquer coletividade, ou seja, “como se relacionam os homens entre si e suas atividades produtivas, e como se comportam, uns relativamente aos outros e ao conjunto da coletividade no exercício de suas funções econômicas” (PRADO JÚNIOR, Prefácio à 1º Ed. p. 13).

O próprio Manoel Correia diz no mesmo livro que “a evolução econômica da região, o processo de povoamento, a elaboração dos sistemas agrícolas e de criação de animais e as relações de trabalho existentes no passado e nos dias atuais”, continuam se repetindo indefinidamente. Sua vasta produção sobre o Nordeste, o Brasil e o mundo, circula não só em documentos acadêmicos, mas em periódicos e outros meios de divulgação do saber, levando aos quatro cantos do planeta informações sobre aspectos históricos e geográficos nordestinos e brasileiros.

Neste momento em que a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, empreende o evento XVI Semana de Humanidades e a Base de Pesquisa Política, Cultura e Educação do Departamento de Ciências Sociais, através do GT – Educação Brasileira, Cultura e Memória, presta sua homenagem a quem tão bem soube ler, entender e cantar sua região, o Nordeste. Sua voz que tanto falou sobre as questões nordestinas calou-se em 26 de Junho de 2007, deixando um vazio não só no campo da Geografia, mas no conhecimento humanístico sobre o Brasil e sobre a região Nordeste.

Manuel Correia, em suas próprias palavras lembrava que cedo procurou estudar e entender bem sua cidade e a região para conhecer melhor sua estrutura social da qual era fruto como filho da classe dominante, já em decadência, mesmo assim ainda dominava. Tanto é que enveredou pelo campo das Ciências Sociais. Esse estudo o fez buscar muito cedo o conhecer outros pensadores da área que se destacavam no Brasil e no estrangeiro.

Dos pensadores brasileiros ele destacava Joaquim Nabuco, o abolicionista e seu conterrâneo; Euclides da Cunha, que no começo do século XX descobriu as contradições entre Litoral e Sertão; Manoel Bomfim que alertava para os aspectos negativos da colonização, cujos colonos classificavam de “parasitas”; Oliveira Viana com sua interpretação aristocrática da formação brasileira, adepto da teoria da superioridade racial; Gilberto Freyre, mostrando a formação da sociedade brasileira patriarcal, da família e das relações entre senhor e escravos em *Casa Grande e Senzala*; Caio Prado Júnior com a problemática da terra; Nelson Werneck Sodrê com a formação histórica militar; Josué de Castro com estudos sobre a fome, também pernambucano; ele lembrava ainda os mais contemporâneos como Celso Furtado, Orlando Valverde, geógrafo e alguns franceses como Pierre Mouséig e Elisée Reclus, que organizou uma coletânea. Todos esses outros pensadores deram-lhe grande contribuição à sua formação cultural e política.

Em um seminário sobre o Nordeste promovido pelo UNIPÊ – João Pessoa, Manuel Correia falou sobre sua obra e alguns aspectos da sua vida, lembrou que assumindo com tendências esquerdistas, escreveu ensaios e artigos, participando das discussões do momento político, falou e escreveu sobre reforma agrária, êxodo rural, ligas camponesas, poluição dos cursos d’água. Participou da efervescência política dos anos 50 no Nordeste e, principalmente, em Pernambuco: Ligas Camponesas com Francisco Julião, sindicatos rurais

católicos com Pe. Crespo e Pe. Melo, em Pernambuco; sindicatos comunistas com Gregório Bezerra.

Com o golpe Militar, o geógrafo foi preso, com a colaboração de amigos e companheiros, conseguiu ir para a França com uma bolsa do governo francês, graças às articulações do geógrafo Pierre Monseig e Michel Rochefort. Lá permaneceu um ano estudando. A abertura política – diz o geógrafo – fez-me rever algumas colocações teóricas. Também procurou manter contatos com pensadores mais contemporâneos como Jacob Gorender, Florestan Fernandes, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco de Oliveira, Octávio Ianni, Milton Santos, entre outros. Ainda sobre sua obra de maior repercussão, o autor lembra que ela foi escrita no calor dos debates das “chamadas reformas de base”. (ANDRADE, 2002:13). O livro já teve várias edições e algumas reimpressões em português e também uma edição em inglês nos EUA pela editora da Universidade do Novo México. Lembra o autor de outros prêmios como à escolha pela Câmara Brasileira do Livro, em 1999 apontou-o “como um dos cem principais livros editados no país, no século XX” (ANDRADE, 2002:13)

Sua produção intelectual compreende mais de 100 livros publicados, 02 teses de concurso, 15 plaquetes e 132 outros em forma de artigos, ensaios, etc. Escreveu 49 comunicações em congresso e reuniões científicas; 35 artigos publicados em jornais; 138 participações científicas nacionais; 27 Congressos Internacionais; recebeu 124 convites e distinções. Ministrou 139 cursos de extensão e Conferências; orientou 37 dissertações de mestrado. Lecionou na UFPB em 1963: foi professor visitante na USP nos anos 80 do século XX (FILIPE, 1995:12-13).

Sua obra mais conhecida, já mencionada anteriormente, *A Terra e o Homem no Nordeste*, segundo o próprio autor, foi muito bem recebida pelos sociólogos, antropólogos e economistas, mas, com reservas pelos geógrafos. Foi ainda apreendido pelo DOPS de Recife em 1964. Mas teve seus momentos de glória: em 1999 foi eleito como um dos 100 livros do século XX. Por essa escolha, o autor foi agraciado pelo Reitor da UFPE com a medalha marquês de Olinda. Em 1984 também foi homenageado no Encontro de Geografia Agrária em Santa Maria – RS pelos 21 anos de sua primeira edição. Em 1996, no Encontro Nacional de Geografia no Recife, a Associação Brasileira de Geografia – ABG – homenageou o livro.

Manoel agradece a presença naquele Seminário, principalmente, pelas relações que mantém com o estado vizinho, onde seus antepassados aportaram de Portugal no começo do século XVIII e prossegue dizendo:

Nascido e criado na região da Mata Norte de Pernambuco, mais precisamente, no Engenho Jundiá, em Vicência, passamos a infância e juventude nessa região, com freqüentes viagens a cidades paraibanas, com João Pessoa, Campina Grande, Itabaiana (terra de José Luis do Rego), Pedras do Fogo e outros, mantendo contato com pessoas e fatos da Paraíba. Aqui lecionamos na UFPB em 1963, e demos assessoria ao Governo do Estado – Secretaria de Planejamento -, no projeto de regionalização no Território paraibano. Na Paraíba nos sentimos tão em casa como se estivéssemos em Pernambuco. (ANDRADE, 2002:13).

Manuel Correia de Andrade, em 1995 foi homenageado pela UFRN com uma Jornada Manuel Correia de Andrade e com o título de Doutor Honoris Causa em 07 de junho de 1995. No seu discurso de agradecimento o homenageado diz que a UFRN ao fazê-lo demonstra sensibilidade e generosidade ao oferecer tão alta comenda a “quem vive no Nordeste, dedicando toda a vida ao estudo e reflexão sobre nossa religião. Para quem passou toda a vida profissional ligado a ‘instituições universitárias e de pesquisa e que, estudando o Nordeste, procurou interpretar a região, demonstrando sempre confiança na mesma e nos nordestinos, considerando-a viável e admitindo que ela pode ser recuperada e partir para um futuro promissor”. (ANDRADE, apud LACERDA, 1995:07).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Manoel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste**. 3 ed. (Revista e Atualizada) São Paulo: Brasiliense, 1973.

_____. **A Produção do Espaço norte-rio-grandense**. 2 ed. Natal: UFRN. Pró-Reitoria de Extensão; FUNPEC, 1994 (Seca: Coleção Especializada, série c,1)

_____. **Um Livro e os Vários Nordestes em Lição de Vida**. João Pessoa: Revista UNIPÊ (1) 2002, p. 12-20.

_____. **O Geógrafo e o Cidadão** (org.) José Lacerda Felipe. Natal: UFRN – CCHLA, 1995.

_____. O Nordeste de Ontem e de Hoje: continuidade e rupturas. In: **Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão**. (org.) José Lacerda Felipe. Natal: UFRN/CCHLA, 1995. p. 16-25

CHACON, Vamireh. **História das Idéias Sociológicas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

FILIFE, José Lacerda (org.). Conferência de Antônio Correia de Andrade. In: **Manuel Correia de Andrade**. Natal: UFRN/CCHLA, 1995. p. 78-92.

FILIFE, José Lacerda (org.). Discurso pelo Título de Doutor Honoris Causa a Manoel Correia de Andrade. In: **Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão**. Natal: UFRN/CCHLA. 1995, p. 11-15.